

Liturgia

mão na roda

É extraordinário como a realidade da vida – notadamente quando se explicita espinhosa – tem o poder de firmar convicções que até então se orientavam em outra direção. O exemplo mais óbvio foi a mudança do ritmo da campanha de Fernando Henrique Cardoso, que tornou feérico um governo que até maio se pretendia magistrado na eleição. O presidente ficaria o maior tempo possível em Brasília quieto no seu canto, administrando a popularidade à distância.

O susto botou todos a trabalhar como mouros e Fernando Henrique a solavancar de norte a sul, de leste a oeste, nos limites do mapa do Brasil. A outra certeza que veio abaixo foi a de que uma estabilidade monetária só faria o verão inteiro. E o mais recente bastião a cair diz respeito à bobagem esquizofrênica segundo a qual o presidente não poderia ser confundido com o candidato. Um era um, outro era outro. Isso era assim dito e repetido, ainda que impossível de ser entendido.

Pois eis que de novo a realidade – desta vez aquela relativa às divergências estaduais entre os aliados nacionais de FH – se apresentou conselheira e a santíssima dualidade voltou a ser uma só pessoa, na qual prevalece o presidente. Hoje no governo, com a mesma convicção com que antes era defendida a separação, argumenta-se que Fernando Henrique aonde quer que vá, faça o que fizer, é sempre presidente.

Essa posição, mais que óbvia, é providencial. Porque, a bordo da justificativa de que a liturgia do cargo não admite certas concessões, proíbe liberalidades e limita movimentos, Fernando Henrique pode se recusar a administrar conflitos e entrar em embates locais diretos sem desagradar a nenhum dos lados. Mantendo-se litúrgico, se mantém também a salvo de desconfortos.

Afinal, as demandas políticas em última instância terão de ser resolvidas à luz da agenda de um presidente da República, a quem nem tudo é permitido. O comitê eleitoral sempre poderá transferir ao gabinete presidencial a responsabilidade por eventuais descortesia com este ou aquele aliado político.

Numa eleição de palanques tão múltiplos e conflitantes como essa, poder contar com o biombo do cerimonial é mesmo uma mão na roda.